

## ET EU TU: A BUSCA DO OUTRO NA POÉTICA DE ARNALDO ANTUNES<sup>1</sup>

Márcia Plana Souza Lopes  
Mestre - PUC/SP

### RESUMO:

Este artigo pretende mostrar como a poesia de Arnaldo Antunes apropria-se de outras linguagens - (fotografia, desenho, música) além da escrita - para confeccionar o cerne da produção poética. Nesse sentido, selecionamos a capa do livro “ET, Eu, Tu” publicada em 2003, para a análise da arquitetura poética, que está cotidianamente à busca do outro.

**Palavras chaves:** Literatura Brasileira, Arnaldo Antunes, Poesia, Processo midiático e hibridização.

### ABSTRACT:

This article pretends to show as the poetry of Arnaldo Antunes appropriator-se of other languages – (photography, design, and music) besides writing – to make the poetic production. Hurt about, we select the book’s cover “ET, Eu, Tu” (2003), to analyze of the poetic architecture, that is today in search of other.

**Keywords:** Brazilian Literature, Arnaldo Antunes, Poetry, Multimedia Process, Hybridization.

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte do quarto capítulo da dissertação de Mestrado *Palavra, Voz e Imagem: A Poética de Arnaldo Antunes* pela PUC/SP em 2007.

A literatura é um vasto campo do conhecimento e atende à própria formação humana e histórica. Julio César Mendonça (2002, p. 10) extrai da literatura a poesia e afirma que não é “uma arte presa ao papel ou a qualquer outra forma de registro em suporte bi (ou tri) dimensional fixo”. A estrutura do texto poético é abrangente, não exclui nenhuma forma de linguagem ou área do conhecimento.

As poesias, produzidas pelos poetas contemporâneos, sugerem a presença da palavra, da fotografia, do desenho, da música, do vídeo, do cinema. Essas linguagens se entrecruzam, construindo manifestações da chamada arte contemporânea. É nesta perspectiva, que encontramos a poesia de Arnaldo Antunes, uma poética que se justapõe numa prática simultânea e distinta entre ler, ouvir, ver e sentir, numa relação verbivocovisual e háptica.

Estas diversas linguagens, na poesia arnaldiana, fundem-se pela hibridização<sup>2</sup>, fazendo surgir uma nova modalidade de poesia, questionando a insuficiência do “eu” poético na literatura, deste “eu” que está à procura de outros corpos para torna-se inteiro. Não podemos esquecer que a arte vive o processo da indústria multimidiática, e a poesia sofre também essa interferência. A palavra não deve ser apenas decodificada ou estudada em termos gramaticais e linguísticos, mas toma corpo, é “coisa” materializada na própria poesia. Assim, a poesia rompe com o olhar cristalizado e estereotipado da linguagem referencial. Haroldo de Campos reflete sobre isso, ao dizer:

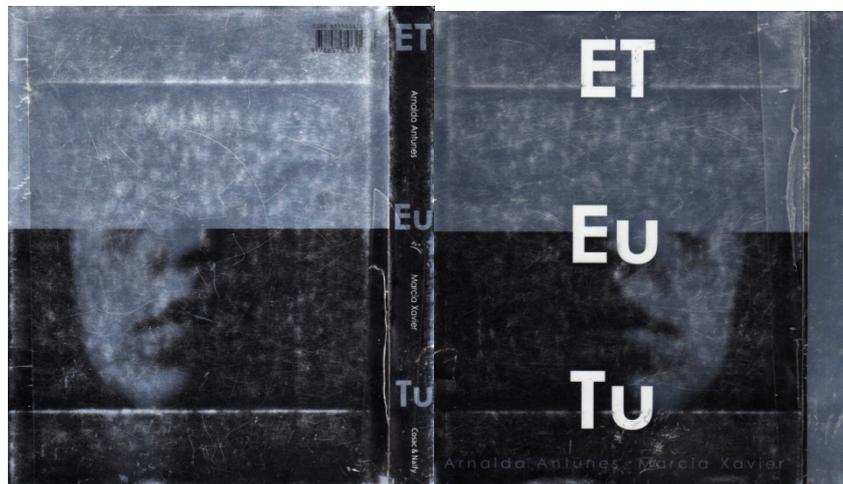
O estudo da poesia radicava no estudo da linguagem, e o critério distintivo entre a linguagem enquanto transmissora de um “significado prosaico” (em *função referencial*, diríamos hoje) e a linguagem reconhecível como poesia (em *função poética*) repousava numa diferença de forma: o caráter “plástico”, manifesto por uma “seqüência regular flexível”, seria o próprio poético. (CAMPOS, 1977, p. 32)

A linguagem referencial, por vezes implica uma relação de alienação, dado a possibilidade de ser usada na manipulação da sociedade. A poesia, diferentemente, desarticula a convenção estrutural da linguagem manipuladora, transformando-se em linguagem de trapaça. A palavra toma corpo como coisa plástica no interior da língua, resultando em antipoesia: o próprio ser poético. Dessa forma, a literatura busca uma nova visão de mundo, que não é mera discussão de formas, mas é linguagem de mudança, que traz vida às “coisas”, aproximando o corpo do leitor do real. Segundo Barthes, “Que o real não seja representável – mas somente demonstrável” (1978, p. 22).

A poesia arnaldiana não é o reflexo do discurso articulatório, nem mera expressão de sentimentalismo ou resultado do capitalismo, mas apropriação da palavra a qual transita entre as múltiplas linguagens artísticas, numa relação entre o movimento da dança e a imagem fotográfica; entre o papel e as instalações de arquitetura; entre a música e o silêncio.

<sup>2</sup> Por hibridização, Canclini (2006, p. 19) esclarece que são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Iniciamos a discussão temática olhando a capa do livro de Arnaldo Antunes, intitulado por **ET, Eu, Tu** (2003) publicado pela Cosac & Naify em parceria com Marcia Xavier.



Poema-capa: “ET Eu Tu” (2003)

O tema, nesta estrutura poética, se inter-relaciona e é discutido por muitos teóricos, como Octavio Paz (2005, p. 120), que comenta a relação entre “eu” e “tu”. Para ele, tais pronomes apresentam-se como linguagem em sua unidade contraditória: “o eu não sou tu e o tu és meu eu. (...) Realidade sem rosto e que está aí, diante de nós, não como um muro: como um espaço vazio”.

É nessa perspectiva que a crença da criação na gramática poética arnaldiana se expressa desde a capa aos poemas e vai ao encontro de outra obra, como se buscasse o outro em outra obra e, mais especificamente, em sua obra: **Outro**.

Resultado do projeto Malabares, de Maria Ângela Biscaia, inspirados em jogos de signos e sentidos, *Outro* reúne trabalhos visuais da artista e um conjunto de poemas de Arnaldo Antunes e Josely Vianna Baptista, propondo, a partir de sua estrutura aberta e serial, imitações cruzadas das imagens e palavras.<sup>3</sup>

O trabalho do poeta é consciente e sua obra é inesgotável e aberta. Em seus livros, as páginas não obedecem a uma sequência fixa, nem cumprem nenhuma regra cartesiana. Suas leis são próprias, estabelecem diversas possibilidades de leitura, desde que o leitor se disponha a utilizar simultaneamente as obras e/ou os poemas, dinamizando e multiplicando a essência poética.

Uma qualidade de sua poética é estar sempre em movimento, oferecendo manifestações plásticas, musicais e imagéticas. O encontro artístico em seus projetos traz aos olhos do leitor a

<sup>3</sup> Trecho da sobrecapa da obra *Outro*, de Antunes, que esclarece a organização do projeto.

mobilidade, fazendo lembrar o pensamento de Umberto Eco: “uma capacidade de produzir-se caleidoscopicamente aos olhos do fruidor como eternamente novos” (ECO, 1991, p. 51).

A leitura dos livros de Antunes pode se iniciar em qualquer lugar ou momento, pois o objeto é dinâmico. “Você pode tomar o texto não importa por qual parte, pular para o meio dele, voltar (...) você tem sobre ele um direito de manipulação” (ZUMTHOR, 2005, p. 109). Todavia, as imagens interpenetram a poética arnaldiana, corporificando o “eu” em busca do “tu”. Nos recursos da modernidade, os signos se hibridizam, operando imagens, figuras, grafias, palavras, textos, sons, fotografias, vídeos e outros elementos do campo tecnológico.

A hibridização instaura a poeticidade entre as palavras e as imagens dessas duas obras arnaldianas, **Outro** e **ET Eu Tu**, desmistificando o “eu” referencial e a fotografia documental, alicerçando o corpo poético da poética de Arnaldo Antunes. Como confere Lúcia Santaella: “A mistura crescente entre o vivo e o não-vivo, o natural e o artificial, permitida pelas tecnologias, atinge hoje um tal limiar de ruptura que faz explodir a própria ontologia do vivo” (SANTAELLA, 2004, p. 31).

Essas duas obras tematizam o corpo humano, seja na pintura em **Outro**, seja na fotografia em **ET Eu Tu**. Tratam das imagens que buscam o “tu” nas palavras e vice-versa, formando o corpo poético que se sintoniza com o conceito de outridade. Nesse sentido, poderíamos perguntar: As obras referem-se a um livro ou a um álbum de fotografia? Mario Praz (1986), por sua vez, transcreve um parecer, que não responde à questão, mas conduz à reflexão:

Tudo isso parece confirmar a pertinência de uma observação de Wellek e Warren em *Teoria da Literatura*, de que “as várias artes – as artes plásticas, a literatura, a música – têm cada qual sua evolução individual, de ritmo diferente e diferente estruturação interna dos elementos. (...) Devemos conceber a soma total das atividades culturais do Homem como uma sistema integral de séries que se desenvolvem por si, cada uma delas contanto seu próprio conjunto de normas, as quais não são necessariamente idênticas. (PRAZ, 1986, p. 17)

A reflexão da interpenetração dos códigos compõe o corpo poético de Arnaldo Antunes, que se faz necessária ao transitar de uma linguagem a outra ou do penetrar uma linguagem na outra. Em **ET Eu Tu**, busca-se a integração do “eu” que está à procura da outridade.

O título **ET Eu Tu** apresenta-se por um provável perfil de um rosto e um vazio. Tanto um como o outro está cortado ao meio. A fragmentação ainda permanece na parte inferior da página, marcada por um quarto da sombra do rosto. Essas imagens apropriam-se de aspectos ocultos e/ou inconscientes de si mesma. Há uma faixa na cor alumínio, espelhada na parte superior da página, como um espelho.

Octávio Paz diria “é o espelho do homem cerceado em sua faculdade poetizante” (PAZ, 2005, p. 108). Nesse espaço, a palavra “ET” é acolhida. “ET” significa a abreviação do substantivo “extraterrestre” ou o dêitico aditivo em latim “et”<sup>4</sup>, propondo um diálogo entre os interlocutores “eu” e “tu”.

A conversão do “eu” em “tu” apresenta-se em “et”, elemento desconhecido, que emerge como fragmento de percepção: no uno o outro. Pelo trabalho quase de engenharia da linguagem, dá a presença aos outros, como nas iniciais “e” de “eu” e “t” de “tu”. Faz assim coexistir um ser desconhecido à “conjunção instantânea do “eu” e do “tu”, Poema: busca do tu”, como diz Octávio Paz (2005, p.121), em **Signos em Rotação**.

Sugere Antunes, graficamente um “eu”, que penetra no espaço do outro, no desconhecido. Sua poesia busca a entrada no mundo do outro, que é o próprio ser sem máscara, estranho, que por diversas vezes não se conhece. Por isso, a poesia opta por buscar respostas para desvendar o enigma do “eu” em si mesmo. O outro é uma espécie de parâmetro, projeção de “nós” mesmos. No espelho, vemos-nos sempre no outro, uma imagem espetacular, reflexos do “eu” que só se conhece nos reflexos, não somos “nós”. A toda hora se está à procura do ser, um ser desconhecido, sugerindo que o outro seja o encerramento do “eu” em “nós”.

A interação de diferentes áreas de conhecimento, nesse projeto gráfico realizado com poemas de Arnaldo Antunes e fotos-montagem da artista plástica Márcia Xavier, provocou o rompimento com a tradição literária, mas inscreve uma poesia que ressalta a outridade, isto é, o “eu” que procura encontrar o outro. Segundo Octávio Paz: “Descobrir a imagem do mundo no que emerge como fragmento ou dispersão, perceber no uno o outro, será devolver à linguagem sua virtude metafórica: dar presença aos outros. A poesia: procura dos outros, descoberta da outridade” (PAZ, 2005, p. 102).

O poema, “um corpo dividido ao meio ou: dois corpos” (2001) de Antunes, apresenta claramente a proposta da outridade, em que um parece se completar no outro para tornar-se um único corpo.

**um corpo dividido ao meio ou: dois corpos**  
**ou: um corpo dividido ao meio: ou dois corpos ou:**  
**um corpo em duas metades ou: dois**  
**ou: um corpo com sentidos e meios ou: no espelho**  
**um**  
**outro**  
camadas  
lâminas metálicas  
escamas  
**inteiro**

---

<sup>4</sup> Tanto em latim como em francês, “et” significa a conjunção aditiva “e” do português.

Na capa de **ET Eu Tu**, a palavra “Eu” está rente aos olhos que não se mostram. Os olhos parecem vendados como se escondesse sua alteridade. É o olhar do leitor que se depara com o espelho e encontra-se com seus próprios olhos, numa leitura performática. Já o sombreamento enegrecido, abaixo dos olhos, reforça a imagem obscura do rosto mascarado. Esconde o olhar, que é incapaz de enxergar o “Eu”, diante do nariz, sinal de vida tradicional simulada no ato de respirar, sugerindo, no entanto, a necessidade das relações multimidiáticas, posta na palavra “Tu” sobre a boca, como se a fala viesse do interior do corpo deste poema-livro.

Antunes utiliza fragmentos como fotos, imagens, palavras, que são os novos paradigmas criados pela modernidade industrial, e que deslocam o centro do mundo e o ritmo cíclico da vida humana. Assim, o poeta apropria-se desses recursos para configurar a sua arte poética. Octávio Paz esclarece ainda:

Mudou a imagem do universo e mudou a idéia que o homem fazia de si mesmo: não obstante, os mundos não deixaram de ser o mundo nem o homem os homens. Tudo era um todo. Agora o espaço se desagrega e se expande; o tempo se torna descontínuo; e o mundo, o todo, se desfaz em pedaços. (PAZ, 2005, 0. 101)

Esse é o tempo que o poeta tem para compor sua arte. Tempo em que o “eu” está desagregado. Tempo que reúne a fragmentação dos elementos verbivocovisuais e háptico e faz dessa fragmentação sua poesia. Nesse sentido, a poesia arnaldiana não se perde enquanto poética antilírica, porque vê as coisas exatamente como são.

Essa dispersão ou desagregação só tem sentido quando vinculada à pragmática das interartes num processo antipoético do gênero literário, isto é, à hibridização, quando o ser busca a outridade. A dispersão das imagens é partícula à procura do “tu” poético. Segundo Octávio Paz:

Em um universo que se desfia e se separa de si, totalidade que deixou de ser pensável exceto como ausência ou como coleção de fragmentos heterogêneos, o eu também se desagrega. Não que tenha perdido a realidade ou que o consideremos como uma ilusão. Ao contrário, sua própria dispersão multiplica-o e fortalece-o. Perdeu a coesão e deixou de ter um centro, mas cada partícula se concebe como um eu único, mais fechado e obstinado em si mesmo que o antigo eu. A dispersão não é pluralidade, mas repetição: sempre o mesmo eu que combate cegamente a um outro eu cego. (PAZ, 2005, p. 102)

É o próprio Antunes quem lembra que “dois ou mais corpos no mesmo espaço se multiplicam, mas não se somam se não somem” (1997, p. 86 e 87). Dessa forma, não é somar a fragmentação, mas multiplicar os elementos fragmentados para fortalecê-los. É assim que o poeta parece desejar juntar os cacos espedaçados da dispersão do todo. Torna-se um desafio poetizar nessa sociedade fragmentária, em que o eu poético também se desagrega, gerando partículas que precisam buscar o diálogo entre si, a fim de encontrar o “eu” em “tu”, não o inteiro, porque o poema não está acabado. Pode acolher, também, outro “eu”, mesmo que seja com a atitude do leitor.

Os poemas que compõem os livros de Antunes são independentes, não há um poema central. Cada texto em si concebe sua poeticidade, multiplicando o valor da obra. Não é o poema que compõe sua poesia, mas é o conjunto de seu projeto poético. Sua poesia não perde a coesão de obra inteira, embora não apresente começo, meio e fim como as obras convencionais.

Trata-se de uma obra aparentemente fechada, mas é aberta tanto que em grande parte de seus livros as páginas não são numeradas e nem constituem uma sequência que deva ser seguida no ato da leitura. Assim, o leitor pode manejá-lo como bem o entender. A poética da obra aberta tende, como diz Umberto Eco, como “centro ativo de uma rede de relações inesgotáveis, entre as quais ele instaura sua própria forma, sem ser determinado por uma *necessidade* que lhe prescreva os modos definitivos de organização da obra fruída” (ECO, 1991, p. 41).

Voltando à questão do “eu”, vale a pena acrescentar o trecho que Octávio Paz reflete sobre esse “eu” ameaçador da linguagem. Tanto como diálogo que se fundamenta na pluralidade, isto é, no discurso consigo mesmo ao falar com o outro quanto como monólogo que busca uma identidade inserida na escuta desse “eu” que diz a “tu”, anunciando à poética, a outridade.<sup>5</sup>

O crescimento do eu ameaça a linguagem em sua dupla função: como diálogo e como monólogo. O primeiro se fundamenta na pluralidade; o segundo, na identidade. A contradição do diálogo consiste em que cada um fala consigo mesmo ao falar com os outros; a do monólogo em que nunca sou eu, mas outro, o que escuta o que digo a mim mesmo. A poesia sempre foi uma tentativa de resolver esta discórdia através de uma conversão dos termos: o eu do diálogo no tu do monólogo. A poesia não diz: eu sou tu; diz meu eu és tu. A imagem poética da *outridade*. O fenômeno moderno da incomunicação não depende tanto da pluralidade de sujeitos quanto do desaparecimento do tu como elemento constitutivo da consciência. (PAZ, 2005, p. 102)

A dispersão dos textos fragmentados não sugere a pluralidade do “eu”, mas resulta a perda da comunidade, numa série de discursos aleatórios da linguagem referencial, que não trazem o universo da linguagem. No entanto, o “eu” poético do título da obra não remete à função referencial. O “eu” está no interior do poema, é a relação do movimento da imagem com a palavra no espaço da página. Liberta o verso, sem abandoná-lo ou medi-lo tipograficamente.

Nesse sentido, o encontro do “Eu” no diálogo com o “Tu” transfigura a poética de Antunes. O poema que compõe esta capa dispõe o verso de forma vertical, interagindo os códigos da imagem fotográfica e da arte gráfica, estabelecendo uma poética cinematográfica, que aproxima à poesia das artes plásticas, proporcionando uma leitura que causa estranheza, dada a relação do corpo poético:

---

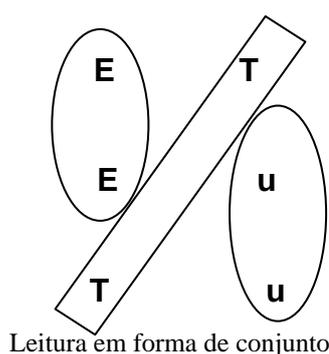
<sup>5</sup> A outridade é, segundo Octavio Paz (2005, p. 107), “a percepção de que somos outros sem deixar de ser o que somos e que, sem deixar de estar onde estamos, nosso verdadeiro ser está em outra parte”.



Poema-capa: ET Eu Tu (2003)

Observamos que não há pontuação no poema-capa “ET Eu Tu”. O poema é vertical, ou melhor, é formado por uma reta de traço gráfico e tem a estrutura da arquitetura urbana, desenhada com as palavras na verticalidade. Nesse sentido, o poema apresenta mutuamente o aspecto cultural de uma cidade fechada, quase incomunicável, porém, as quebras dos versos monolíticos e simultâneos formatam o espaço e constituem a poesia visual diante do rosto, na matéria gráfica do texto.

O espaço da página diante do espelho comunga com o rosto transfigurado e subverte o esquema tradicional das letras na autonomia do símbolo gráfico e fônico. As três letras, “E, T, U”, duplicam-se em três conjuntos, formando as três palavras: “ET Eu Tu”, em ângulos diferentes – horizontal, vertical, diagonal – no formato bastão em branco no negro, sobre o acetato, multiplicam-se no reflexo tridimensional. As imagens verbais traçam o reflexo simétrico do espelho. Vejamos os conjuntos:



A letra “u” é a única que aparece com letra minúscula no texto, como vogal “u” diante das iniciais “E” e “T”, ou como sinal gráfico e matemático do símbolo “U” de “união<sup>6</sup>” dos códigos. Assim, a mensagem atinge o interlocutor no discurso entre “Eu” e “Tu”, um terceiro, “ET”.

<sup>6</sup> Símbolo matemático de somar os conjuntos, quando este de ponta cabeça representa a intersecção.

O eu poético tem origem em uma longa tradição literária, hoje em crise profunda. Uma crise do sujeito e do “eu”, que desenha a hibridez do corpo, que se tornou um nó de múltiplos investimentos e inquietações. A noção de sujeito é constituída de forma cartesiana, isto é, linear. Antunes diverge desse pensamento, não separa a poesia em sujeito e objeto. As novas imagens proliferam o “eu” como corpo inteiro, construindo relações múltiplas dos códigos que participam do processo de montagem e colagem de sua poesia. Portanto, o “eu” poético do antilirismo de Antunes compreende, na busca da junção dos códigos, um único corpo poético.

Este único corpo poético está na poesia arnaldiana, um poema, que busca outro, formando o inteiro pela outridade. Segundo Octávio Paz: “a outridade é antes de mais nada a percepção de que somos outros sem deixar de ser o que somos e que, sem deixar de estar onde estamos, nosso verdadeiro eu está em outra parte” (PAZ, 2005, p. 107). Na obra **ET, Eu, Tu** as imagens fotográficas estão fragmentadas e dispersas entre pranchas, compondo a integridade do poema, visto que poema e imagem buscam o inteiro.

Esse princípio poético, que explora a percepção da similaridade, compete ao eixo da associação e está ligado à analogia. “A analogia não fica só entre as partes ou objetos designados – mas é trazida para as letras, os sons, a figura dos próprios signos” (PIGNATARI, 1977, p. 13). Não se pode esquecer que os jogos metafóricos, as paronomásias, as aglutinações e a quebra dos versos e das imagens, em Arnaldo Antunes, são procedimentos que buscam o literário. Assim como os versos são livres e quebrados, a imagem fotográfica também está inclusa nesse procedimento arnaldiano em que se tenta fazer o elo entre a tradição e a modernidade, usufruindo-se dos versos livres e apropriando-se de um outro código de linguagem, a fotografia. Tendo como base o ritmo, o poema propõe um jogo entre som e sentido. Essa dinâmica constitui o efeito poético ao selecionar e combinar palavras e imagens, ao apoiar-se na assonância e na aliteração do poema. Podemos perceber com as palavras de Santaella o valor artístico da fotografia:

Dar à fotografia uma função documental subsidiária, mas, ao mesmo tempo complementar, e muitas vezes também artísticas, da própria instalação. Isso acontece quando a própria instalação não faz uso da fotografia, pois, quando o faz, a fotografia documental, nesse caso, passa a funcionar como meta-foto da instalação fotográfica. (SANTAELLA, 2004, p. 68)

As experiências de leitura da poética arnaldiana busca contribuir com a compreensão do processo criativo e autêntico dos projetos híbridos que transitam nas interartes entre o erudito e o popular. Livro, música, DVD, CD, shows, caligrafia e outras áreas do conhecimento interligam-se a partir dos sentidos, constituindo o corpo inteiro de sua poética. Corpo que se encontra na diagramação ideogramática da inserção da escrita, incorporando analogias que subvertem a lógica

da literatura, revitalizando a poesia experimental, que busca similaridades fônicas e espaciais das coisas na poética de Arnaldo Antunes.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANTUNES, Arnaldo. & XAVIER, Márcia. **ET EU TU**. São Paulo: COSAC & NAIFY, 2003.

\_\_\_\_\_. **2 ou + corpos no mesmo espaço**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

\_\_\_\_\_. **Outro**. São Paulo. Iluminuras, 2001.

BARTHES, Roland. **A aula**. São Paulo: Cultrix, 1978.

CAMPOS, Haroldo. **A arte do Horizonte do Provável**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

CANCLINI, Néctor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2006.

ECO, Umberto. **A obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MENDONÇA, Júlio César. **Rente ao Irredutível – Poesia no Ambiente das Novas Mídias**. São Paulo: PUC-SP, 2002. Dissertação de Doutorado – Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PAZ, Octávio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PRAZ, Mario. **A literatura e artes visuais**. São Paulo: Cultrix, 1986.

PIGNATARI, Décio. **Comunicação poética**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.

SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?** São Paulo: Ática, 2004.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo**. São Paulo: Ateliê, 2005.